

Incerta para todos, e a última para muitos*:

imagens do homem e do tempo no contemporâneo.

Luís Felipe Roriz Stein.

RESUMO

O presente artigo buscou acessar o contemporâneo em que a velocidade é a premissa de vida do homem. Para tal, utilizou-se uma série fotográfica, intitulada *mar*, para construir uma narrativa, a partir do pensamento de Walter Benjamin, deste contemporâneo. Neste itinerário há a demarcação de três momentos: homem-máquina x tempo-máquina; homem-velocidade x tempo-impositivo; homem-superexcitado x tempo-presentismo. São três momentos que podem confluir para um mesmo corpo na clínica. Um corpo que sofre excessos, saturado por informações. Como consequência, o homem é submetido a um outro tempo, não sustentando mais o seu desejo. E é neste cenário que o artigo contornou o mal-estar. Apontando que a experiência não é passível de ser informatizada e que tal tentativa é a causa do mal-estar. Por fim, convocou os psicanalistas a (re)pensarem o contemporâneo a partir de seus antecessores, sobretudo, na atuação clínica brasileira.

Palavras-chave: Contemporâneo; Narrativa; informação; Homem; Tempo.

ABSTRACT

This article sought to access the contemporary in which speed is the premise of man's life. To this end, a photographic series, entitled *mar*, was used to build a narrative, based on the thought of Walter Benjamin, of this contemporary. In this itinerary there is a demarcation of three moments: man-machine x time-machine; man-speed x time-imposing; overexcited-man vs. time-presentism. There are three moments that can come together for the same body in the clinic. A body that suffers from excess, saturated with information. As a result, man is submitted to another time, no longer sustaining his desire. And it is in this scenario that the article circumvented the malaise. Pointing out that the experience cannot be computerized and that such an attempt is the cause of the discomfort. Finally, it called on psychoanalysts to (re)think the contemporary from their predecessors, above all, in Brazilian clinical practice.

Keywords: Contemporary; Narrative; information; Man; Time.

* Do original do latim “*Dubia omnibus, ultima multis*”, frase da Idade Média inscrita em relógios públicos. Resgatada por Walter Benjamin, em “O contador de histórias: reflexões sobre a obra de Nikolai Leskov”.

Introdução

Haverá ainda moribundos que digam palavras tão perduráveis, que passam como um anel de geração em geração?

Walter Benjamin, 1933.

No século XV um grande passo foi dado, as chamadas Grandes Navegações impulsionaram o processo de globalização como enxergamos hoje. A partir da terceira revolução industrial, com a produção e o desenvolvimento de novas tecnologias, esse processo se intensificou de tal forma que todos os continentes passaram a se comunicar. A aurora de uma nova era. Barreiras impostas seriam derrubadas com velocidade, não há mais oceanos entre países, interno e externo, a transmissão é instantânea. As fronteiras não existem no virtual, o ser humano enfrenta a possibilidade de percorrer o mundo em uma espécie de inércia.

A rapidez conquista o seu espaço dentro das ciências, uma vez que, tornando possível mais, em menor tempo e com maior eficiência, o cientista positivista vislumbra um mar de possibilidades. O campo da medicina, em particular, é amplamente afetado, os diagnósticos passam a ser realizados velozmente, atropelando o tempo do paciente, como constataram Ortega e Zorzaneli (2010, p. 31): “[...] as descrições realizadas por meios tecnológicos pareciam mais valiosas do que as narrativas dos próprios pacientes”. Acompanhando os referidos autores, a fé depositada no objetivismo tecnológico, guiada pela máxima da produção e eficiência, tende a excluir a subjetividade em detrimento da velocidade.

Em um momento no qual o cientificismo e o objetivismo ganham, cada vez mais, força, Sigmund Freud, pai da psicanálise, aposta no sujeito, como confirmou Garcia-Roza (1985, p. 22), “A psicanálise vem ocupar, no século XX, este lugar de escuta”, um lugar que possibilitasse a pessoa narrar e escutar sua própria história, assim, ao romper com o saber da época, a psicanálise elabora seu próprio espaço (GARCIA-ROZA, 1985). É conhecido que Freud devido a sua formação médica, buscou conquistar o estatuto de ciência para psicanálise, mas suas elaborações também estavam fora dos cânones positivistas da época. Um de seus conceitos, elaborado a contrapelo da época, e de extrema valia para psicanálise, é exatamente o conceito de sujeito. Não este da ciência inaugurado desde Descartes, mas sim o de *sujeito do inconsciente*.

Um sujeito que demarca a divisão do homem, que pontua seu tempo e que lhe faz tropeçar em suas palavras (FREUD, 2010a; BIRMAN, 2020; QUINET, 2000).

O contemporâneo, então, sobre o qual pretendo discorrer é este que vem germinando o homem enquanto fruto do avanço violento da tecnologia, que incorpora a velocidade como premissa de vida, nomeado por Paul Virilio (1996), como o *homem superexcitado*.

Este mesmo autor (1996, p. 108, destaque do autor) constata uma forma no ser humano marcada pela condição: “Se ser é estar excitado, *ser vivo é ser velocidade [...]*”. Com isso antecipa o efeito da invasão constante das informações na subjetivação. Esta que garante a excitabilidade constante do humano, tratando seu tempo equiparável ao de uma máquina, um homem-máquina.

Ao pensar as implicações do tempo e espaço no contemporâneo, Joel Birman (2020, p. 9) descreve a vivência desse homem, “[...] como se a subjetividade acreditasse que estivesse vivendo num eterno presente, no qual a repetição do mesmo fosse tão poderosa que não anunciasse mais qualquer possibilidade de ruptura e de descontinuidade”. Esse homem contemporâneo seria, então, saturado por informações enquanto um *ser máquina*, destituído do seu tempo para *ser velocidade*.

Byung-Chul Han fornece o cerne para pensar esta *mecanização* do humano, uma vez que, a não produção de verdade é justamente a não produção de experiência. Tal autor (2017b, p. 24-25) aponta: “Mais informação ou um acúmulo de informações, por si sós, não produzem qualquer verdade; faltam-lhes direção, saber e sentido”. Ora, mas a experiência é o momento de assimilação, o *satori*¹, é a verdade singular que constrói um ser humano, é a subjetivação daquilo que vivencio.

Pensando naquele processo de apropriação de uma cultura, comum das narrativas, Walter Benjamin reforçaria a importância de um determinado estado. Dirá ele (2020a, p.148), “A *Langeweile* é o pássaro onírico que choca o ovo da experiência”. Esta noção de origem alemã que pode ser traduzida como “tédio”. Todavia, alguns autores preferem traduzir como “disponibilidade”, um saber-fazer com o tempo vazio. Esse momento crucial de vazio, nomeado pelo autor como “*Langeweile*”, seria pontualmente, o momento de assimilação o qual nos referimos: “Esse processo de assimilação, que acontece no mais íntimo de cada um [...]” (BENJAMIN, 2020a, p. 148), mas que não acontece de qualquer forma, é necessário a

¹ Esta noção de origem budista, pode ser traduzida literalmente como compreensão. Entretanto, refere-se propriamente ao momento de alcançar a iluminação, de acordar. O leitor atento poderá conectar com o momento de elaboração, trabalhado por Freud (2010b) em “Recordar, repetir e perlaborar”. Nomenclatura esta que tenta apreender o fenômeno que se dá em algum momento permitindo o sujeito compreender e/ou (re)significar uma experiência, nomeado por Lacan de *só-depois*. Um momento que é tributário do *tempo lógico do sujeito*.

vivência da passagem por uma experiência com o vazio. O autor continua (2020a, p. 148): “O sussurrar da folhagem na floresta espanta-o”.

Podemos entender, que no contemporâneo, o barulho incessante das informações, que não cessam de atravessar o *homem-superexcitado*, contribui para a sua manutenção enquanto máquina, espantando o pássaro onírico da experiência. Diríamos que, “Para exorcizar esse vazio coloca-se em circulação uma grande massa de informações [...]” (BYUNG CHUL-HAN, 2017b).

Não há o vazio no regime das informações, este é constantemente tamponado, censurando algum processo, potencial a advir.

Neste cenário, estamos apostando que a narrativa encarnaria o espírito do movimento a contrapelo das informações. Walter Benjamin (2020a, p. 148) define a arte de narrar: “[...] uma espécie de forma artesanal da comunicação”, sendo evidente que as características do trabalho do artesão, como a delicadeza e a unicidade de cada produção, também ocorrem no ato de contar, o que na relação com esse outro que escuta, possibilita “[...] transformar essa matéria em experiência [...]”. Sendo assim, opondo o caráter tirânico das informações que “[...] tem a pretensão de ser imediatamente controlável” (BENJAMIN, 2020a), *a narrativa surge como possível produtor de subjetivação*.

Em outros termos, ao definir a narrativa como da ordem de uma arte, Benjamin deixa evidente este trabalho como produtor de sentido, considerando também o que um psicanalista brasileiro teria proposto. M.D. Magno (1977, p. 37) situa a arte na posição de, “[...] **senso** contra **censo**, é subversão do cálculo e da censura [...]”.

A narrativa é **senso** contra **censo** da informação.

Dessa forma, pretendo trabalhar, nessa escrita, a contraposição de dois tempos. O tempo da narrativa, que aqui caminha na direção do que Lacan (2009) nomeia como tempo lógico do sujeito. E, do outro lado, o tempo da informação. Isso quer dizer, fazer colidir a psicanálise e o homem contemporâneo em um espaço: o do tempo.

Não obstante, longe de ser uma tentativa de tecer vias para o caminho da relação analista-analisando, Lacan (2009, p. 20) lembra, sobre essa tentativa de elaboração que trata-se da “[...] via na qual se engajaram as doutrinas modernas para tentar reencontrar uma base que corresponda ao concreto da experiência”.

O presente trabalho é uma aposta, justamente, na não possibilidade desse reencontro, de reafirmar que a experiência não é passível de ser informatizada e que tal tentativa é causa do mal-estar contemporâneo.

A narrativa óptica

Como indicado, a presente produção utilizará da *narrativa*, baseando-se na filosofia de Walter Benjamin, uma vez que este será o caminho para o acesso estético-sensível de um contemporâneo.²

A narrativa é esta forma metodológica do fazer contar, que tem conexão com outros modos de sensibilidade e acuidade, respondendo à dimensão estética da vida humana, a comparecer em uma modalidade de entrevista, encontro, conversa e transmissibilidade, onde narrador e ouvinte compartilham uma obra aberta, preciosa, ensaística, artesanal, sábia (BRITO, 2016).

A fotografia, por sua vez, será o meio que possibilitará a construção de narrar o contemporâneo; surge como uma ferramenta possível para o recorte de um determinado espaço-tempo, o que aqui entende-se como um encontro entre fotógrafo e fotografado (BARTHES, 2015).

Um encontro intrigante: há uma escolha do fotógrafo do que será colocado em cena, e o que será deixado de fora, do momento que define o impulso de seu dedo forçando o disparador para dentro, eternizando a cena. Por que isto e não aquilo? Por que me posiciono aqui e não ali? Por que espero por este momento?

Segundo Barthes (2015, p.15) é justamente a falta de resposta direta e racional para estas questões que torna uma fotografia inclassificável. Para o autor francês (2015, p. 15), “[...] uma foto é sempre invisível: não é ela que vemos”.

O que vemos, então?

Talvez seja, justamente, problematizar essa questão que possibilita-nos elevar a fotografia a posição de objeto de arte. Quanto a isso, Accarini (2011, p. 113) coloca, que, “*La obra*

² Entende-se, a partir de Silvia Helena Tedesco (2013), e pensando o método cartográfico, o caminho enquanto meio de acessar esse contemporâneo que está em processo, em movimento, uma vez que o caminho do pensamento também é construído no caminhar. Nesse sentido, lembro Freud (2010b) que relata o caso do paciente que pergunta sobre a duração do tratamento analítico, no que ele responde, pensando em Esopo, “*ande!*”. É a impossibilidade de acessar o final de um processo. Por isso, a aposta de minimamente construir um caminho neste estudo que acesse contingencialmente um recorte do contemporâneo.

resultante no pertenece, por lo tanto, meramente al campo perceptivo, no es dada al ojo ni a la función óptica, tampoco pertenece al campo de la representación”³.

Quando se pensa a fotografia, a escolha da cena, há sempre algo para além da harmonização estética. O que há, então? Ora, o simbólico é o significante de um vazio em psicanálise. É o semblante que (re)cobre um objeto. Para este trabalho, este é o ponto ocupado também pela obra de arte: ela, para além da representação, é uma linguagem. O psicanalista M.D. Magno (1977, p. 76), por sua vez, nomeia agora o vazio, enquanto silêncio. Este que se apresenta enquanto estão supondo dominar uma obra. É o silêncio que produz a fala do seu público diante da obra de arte, “[...] falam e re-falam ouvindo o silêncio dela [a obra] e as pontuações que seus próprios discursos dela sofrem”.

Digamos: o testemunho de uma obra inacabada. Sentido aberto. Mobiliza uma política de transmissão como Benjamin (2020, p.143) colocou, “De forma aberta ou escondida, essa prática traz sempre consigo alguma utilidade”.

É no sentido desta utilidade prática, também, que Barthes (2015, p. 29) desenvolve o conceito de *punctum*: “[...] esse acaso que, nela [fotografia], me *punge* (mas também me mortifica, me fere)”. Noção que converge para o que aqui trabalhamos em termos de “*inconsciente ótico*” de Benjamin (1994), aquele que se revela frente a uma fotografia, que por sua vez, desvelaria o desconhecido do sujeito. É justamente aquilo que não pertence ao campo do belo, que possibilita inaugurar uma relação única dialógica estabelecida entre o sujeito/observador e o *status* da fotografia enquanto expressão inacabada da obra de arte.

Há algo, em toda obra, que escapa à tentativa de sua redução à mera representabilidade. Entretanto, não se deve reduzir a fotografia a essa relação *sui generis*. Agora, emerge em seu âmago, uma nova possibilidade de linguagem, de transmissão que carrega, também, a potência do testemunho.

Barthes (2015, p. 31) nomeia esse outro lado de *studium*, uma vez que, reconhecê-lo é “[...] fatalmente encontrar as intenções do fotógrafo, entrar em harmonia com elas, aprová-las, desaprová-las, mas sempre compreendê-las [...]”.

³ “A obra resultante não pertence, portanto, apenas ao campo perceptivo, não é dada ao olho nem à função ótica, nem pertence ao campo da representação”.

Mas é precisamente o que Benjamin chama de *imagem*, como lembra Kulkamp (2020, p. 2) que nos deteremos aqui: “A imagem está ligada ao aspecto coletivo quando traz as narrativas que constituem uma cultura”. É através desta capacidade de circunscrever marcações de uma época, que a fotografia pode produzir uma elucidação do que entendemos como *experiência coletiva* do nosso tempo, o contemporâneo. Vale ressaltar que, este outro lado coexiste com o *punctum* supracitado.

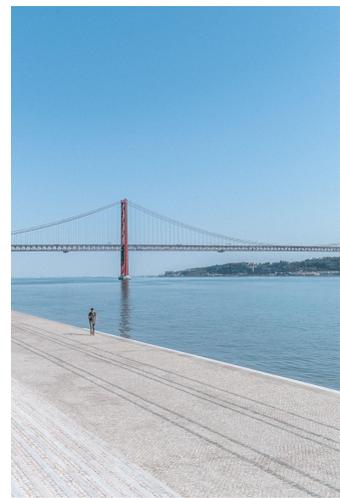
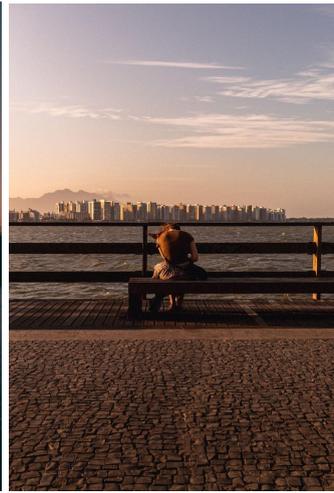
Quanto a isso, Didi-Huberman (2013, p. 188) é preciso ao escrever: “O ‘mundo’ das imagens não rejeita o mundo da lógica, muito pelo contrário. Mas *joga* com ele, isso é, entre outras coisas, cria lugares dentro dele [...], lugares nos quais obtém sua potência [...]”.

Portanto, em uma fotografia lançada à apreciação pública há uma troca: ao mesmo tempo em que são ofertadas ao observador representações objetivas de um determinado contexto, há um pulsar próprio da obra que não cessa de atravessar aquele que olha, para além de suas conjecturas individuais, e desvela o seu não-saber potencial.

Digamos que este artigo aposta nestes encontros: Fotógrafo-fotografado, fotografia-público, fotografia-texto. Utilizar uma série fotográfica como *narrativa óptica* permite não apenas uma *experiência coletiva* a partir da proposição de uma dada série fotográfica como caminho do estudo, mas também dá a possibilidade de uma *experiência singular e plural*, na qual a dialética obra-observador pode constituir uma fagulha para novas e abertas produções.

Exposição Pragmática

Esta pesquisa contempla o trabalho de uma escolha, uma singular sequência fotográfica constituída por 06 imagens, assim denominadas: Afinal, não há nada mais superficial que o tempo; Sem título; Saturação; Fluxo incessante; Individualismo na solidão; Caminhos.



*Luis Felipe R. Stein, 2018-2021.
Série mar.*

Neste trabalho, cada imagem passa a narrar um momento da discussão aqui empreendida, produzida através dos atravessamentos das fotografias no processo do pensamento.

homem-máquina x tempo-máquina

Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!

Ser completo como uma máquina!

Álvaro de campos, 1914.



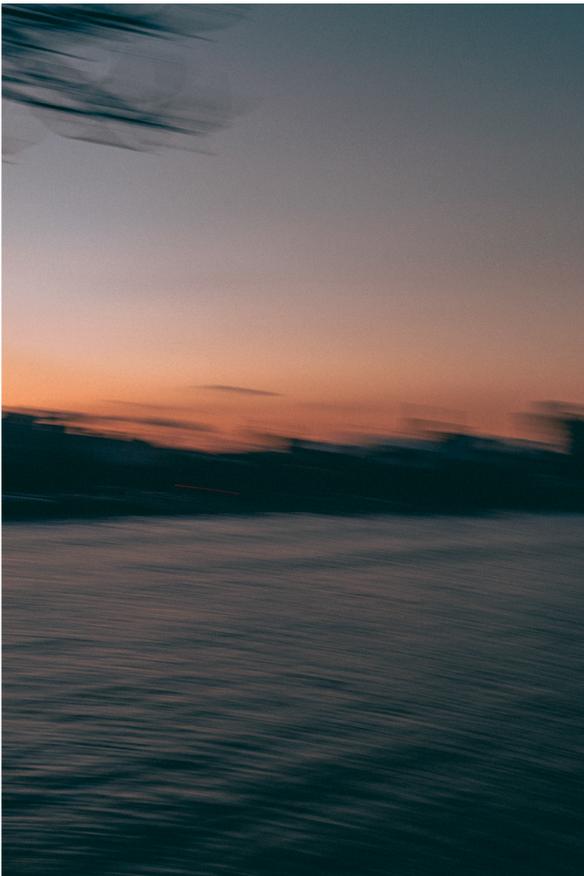
Afinal, não há nada mais superficial que o tempo. Luís Felipe Roriz Stein, 2018.

É propriamente no século XX que as novas tecnologias passam a integrar o cotidiano (HAN, 2017a; 2017b; ORTEGA, ZORZANELLI, 2010; BIRMAN, 2020; VIRILIO, 1996).

O ser humano passa a compartilhar, em um primeiro momento, o espaço de trabalho com as máquinas, estas que vêm substituir o lugar de seu semelhante. Como consequência, a iminência de ser substituído por uma máquina obrigou este homem a demonstrar um melhor desempenho, produzindo mais em menor tempo. A linha de produção de Tempos Modernos (1936) é a representação cinematográfica e cômica da incongruência do ritmo do homem com o da máquina, a sua tentativa para se adequar. Nessa esteira, Paul Virilio (1996, p. 119) desvela a face real da situação: a “[...] desqualificação radical e inconfessa do humano em benefício de um condicionamento instrumental definitivo da pessoa”.

Em meio a este contexto, do início do século XX, a psicanálise ganha território. É a partir da histórica, de uma linguagem inscrita no corpo, que Freud deu conta do inconsciente (GARCIA-ROZA, 1985; QUINET, 2000; COUTINHO JORGE, 2005). O corpo, para Psicanálise, que é marcado pelo desejo e atravessado pela linguagem, é o palco no qual o psíquico e o somático dançam, o palco do sujeito do inconsciente. O corpo-cronológico, que escancara as marcas do tempo, convive com um corpo-sensível, palco do inconsciente.

O inconsciente é submetido a um tempo singular, e intransferível, que articula experiência-sujeito. O tempo singular é nomeado por Jaques Lacan (2009) de *tempo lógico do sujeito*. É justamente a confluência temporal — *passado, presente, futuro* articulando-se com o *tempo lógico do sujeito* — que o permite experimentar o *agora*. Dito de outra forma, é o processo temporal que possibilitaria, por exemplo, a produção de um sonho, a simbolização e, conseqüentemente, o contorno do desejo.



Sem título. Luís Felipe Roriz Stein, 2018.

O corpo se faz linguagem, encarnando o narrador da história de um sujeito.

Diante da desqualificação do humano, apontada por Virilio (1996) acima, encontra-se também a sua desconstrução. Num primeiro recorte, a tentativa de instrumentalizar o seu corpo e fazer advir um *corpobjeto*.

O discurso médico foi de extrema importância para este processo. A busca ostensiva por um olhar que abordasse o humano de forma objetiva, rápida e neutra criou o terreno fértil necessário para a entrada da tecnologia. Havia, no século XX, um encantamento e uma crença pelas tecnologias que estavam surgindo, facilitando o tempo do

diagnóstico, acreditava-se mais nas máquinas do que no sentido produzido pelo humano, como salientamos (ORTEGA e ZORZANELLI, 2010).

Em consequência, o discurso do paciente, que até então era o meio de acesso do médico, perde valor, se torna vazio frente ao diagnóstico preciso da máquina (ORTEGA & ZORZANELLI, 2010; BIRMAN, 2020). Desloca-se então a posição ocupada pelo paciente: não é mais este que detém o saber sobre seu próprio corpo, é um terceiro. Não seria este um momento de cisão que consolidaria o surgimento do corpo enquanto objeto?

Nietzsche (2014), através de Zarathustra, falou sobre os desprezadores do corpo, deixando evidente que renegar ao próprio corpo é calar.

Vimos que o *homem-máquina* emerge então na iminência da substituição, na objetificação da pessoa e do seu corpo, na tentativa de se adequar ao *tempo-máquina*. Neste tempo, o palco do sujeito metamorfoseia-se em uma carcaça fria. Cria-se modos de vida e ideais a serem alcançados, como expressa também Álvaro de Campos⁴ (1914), na epígrafe desta seção, “Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime! Ser completo como uma máquina!”.

Isto nos permite pensar que abdicar-se do que é humano é a supressão do encontro com o vazio deixado pelo desconhecido inerente a este, na tentativa de tornar o pensamento, um cálculo (HAN, 2017a). A “calculização” do agir humano é a abolição de sua sensibilidade. É a colonização do censo, neste caso, escravizando o senso em prol do desempenho. Eis um preparativo da terra para uma violenta exploração.

Nesta imagem, A Velocidade, objeto de fetiche do movimento artístico denominado Futurismo⁵, surge como qualidade humana a ser alcançada.

homem-velocidade x tempo-impositivo

Tudo o que passa, tudo o que passa e nunca passa!

Álvaro de Campos, 1914.

Na metade do século XX acontece a terceira revolução industrial, também conhecida como revolução digital. O homem assiste o nascimento de uma nova era. A era das informações (HAN, 2017a; 2017b; BIRMAN, 2020; VIRILIO, 1996).

⁴ Um dos heterônimos de Fernando Pessoa. Trecho retirado do poema “Ode triunfal” de 1914.

⁵ Movimento artístico que surge na primeira década do século XX após a publicação do “Manifesto Futurista”, autoria de Filippo Marinetti. Rejeitavam o passado e fantasiavam um futuro tecnológico baseado na velocidade.

Os meios de comunicação começam a sofrer modificações, ao mesmo tempo que outros caminhos e ritmos surgem. O espaço e o tempo não são mais um obstáculo, as informações percorrem vias em uma velocidade jamais vista. Como escreve Paul Virilio (1996, p. 113), “A partir daí *tudo chega* sem que seja necessário partir, mas o que ‘chega’ não é mais a etapa ou o objetivo da viagem, é somente informação, *a informação-mundo*, digo, *a informação-universo!*”.

É o planeta em uma troca incessante de informações; o homem, agora, é saturado por um abuso.



Saturação. Luís Felipe Roriz Stein, 2019.

A informação é de rápido consumo (BENJAMIN, 2020a; HAN, 2017a; 2017b). Ela se encontra em uma posição para além do verdadeiro e do falso, como descrita por Baudrillard (2011, p. 45), e que repousa sobre “[...] a credibilidade instantânea”. Prossegue o autor, “[...] enquanto não for desmentida, será verossímil”. Encontramos concordância com Benjamin (2020a, p. 146), quando atesta, “[...] a informação não prescinde do seu estatuto de plausibilidade”.

Com isso, elevar a informação a posição de uma verdade é um meio de controle, é um meio de *gewalt*⁶. *Gewalt* contra o corpo do sujeito, no regime do *tempo-impositivo* que não cessa de atacá-lo, não deixando brechas para

subjetivação da experiência sujeito-mundo.

A fresta seria um momento de passagem, um momento de vazio particular que marca o ritmo de subjetivação de alguém.

⁶ Termo alemão que significa ao mesmo tempo *poder* e *violência*.

Nestes termos, é o que Benjamin (2020a) nomeou de *Langeweile*, ou seja, “Esse processo de assimilação, que acontece no mais íntimo de cada um [...]” (BENJAMIN, 2020a, p. 148). Também é o que Lacan (1998) nomeia como a experiência que é da ordem do *tempo lógico do sujeito*.

A informação carrega ainda em seu âmago a relação linear do seu início e o seu fim, de fácil digestão, sem espaço para ruminação.

Nesse sentido, Byung-Chul Han (2017b, p. 25) reitera um importante diagnóstico: “Mais informação ou um acúmulo de informação, por si sós, não produzem qualquer verdade; faltam-lhes direção, saber e o *sentido*”.

A informação tem, então, como função a manutenção da *gewalt*. Pensando com o autor berlinense seria espantar o *pássaro onírico*⁷.

Para tal intento, coloca-se arrastado pelo contemporâneo um fluxo incessante de informações (HAN, 2017a; 2017b).



Fluxo incessante. Luís Felipe Roriz Stein, 2018.

⁷ Este, de acordo com Benjamin (2020a, p.148), que “[...] choca o ovo da experiência”.

Entendemos que se trata do surgimento de um cosmos estruturado na informação.

Byung-Chul Han (2017b, p.12) é mais uma vez pontual ao afirmar que um mundo constituído a partir das informações, “[...] não passaria de uma máquina”. Algo, então, da ordem da humanização não é transmitido através das informações.

Walter Benjamin (2020b, p. 85), em *Experiência e pobreza*, levantou a questão: “Haverá ainda moribundos que digam palavras tão perduráveis, que passam como um anel de geração em geração?”. Esta interpelação questiona a decadência da transmissão através da palavra.

Mas o que de tão valioso cabe na palavra? E na imagem? Será que é a vivência fugidia contemporânea?

Benjamin (2020b) é enfático ao afirmar a direção que se segue quando não há uma experiência que nos ligue à cultura, uma vez que, a função do indivíduo ficaria à mercê. A cultura, ficaria dependente da misericórdia da Barbárie. Entre a memória e o esquecimento, Benjamin (2020b) lembra da geração que vivenciou a ruína da sua história entre os anos de 1914 e 1918; aqueles que voltaram dilacerados do confronto da Guerra estavam, “[...] pobres de experiências partilháveis” (BENJAMIN, 2020b, p. 86). Foram pessoas, vivenciaram as brutalidades de seus semelhantes, assistiram à carnificina, ao desamparo dos vulneráveis, à paisagem verde se banhar em vermelho, à impiedade devastadora da guerra, perderam, entre tantas outras preciosidades do humano, a própria voz. Voltaram coisa. Sofreram com uma imposição maçante, sem voz tiveram que engolir a ruína da sua experiência, levando à exaustão. Em seu âmago, essas pessoas nutriam o desejo de alforriar-se da tirania. Walter Benjamin (2020b, p.86) nomeou de “Pobreza de experiência”.

Submete-se, assim, a experiência do homem a um tempo que não lhe é próprio.

Joel Birman (2020, p.23) apontaria como intrínseco, o preço da “[...] perda do potencial de simbolização da subjetividade contemporânea”. Justamente o sintoma do apagamento da experiência da temporalidade, uma vez que há uma compulsão repetitiva do presente, uma urgência contínua (BIRMAN, 2020; HAN, 2017a; 2017b; LE BRETON, 2018; VIRILIO, 1996).

homem-superexcitado x tempo-presentismo

[...] é o segredo da felicidade e da virtude: amarmos o que somos *obrigados* a fazer. Tal é a finalidade de todo o condicionamento: fazer as pessoas amarem o destino social que não podem escapar.

Aldous Huxley, 1932.

Paul Virilio (1996, p. 107), aponta que “Do super-homem evolucionista do século passado até o homem superexcitado e pós-evolucionista do século que vem, não há mais do que um passo, um passo a mais nas trevas de um obscurantismo pós-científico”. Ratifica, assim, o avanço espantoso dos meios de comunicação. E é nesta micro-estepe evolucionista que encontramos o homem que toma a velocidade como princípio de vida, originado no corpo das informações e nutrido no seio da tecnologia, o homem-superexcitado (VIRILIO, 1996).

Desde o início do século XX o humano, frente ao avanço tecnológico, é submetido ao seu apagamento (VIRILIO, 1996; ORTEGA, ZORZANELLI, 2010; BIRMAN, 2020). Desautoriza-se seu saber, seu fazer e seu corpo. Este condicionamento, não à toa, é o grande alicerce da máxima neoliberal contemporânea: o desempenho.

Han (2017a) localiza o verbo *poder* como o sedutor dessa sociedade, expressa no slogan: “*Yes, we can!*”⁸; não há mais espaço para o controlador externo, este fora substituído pelo incentivador.

Han (2017c, p.43) é perspicaz ao repensar a dialética hegeliana de senhor e escravo⁹ no contemporâneo, uma vez que, “O sujeito do desempenho de hoje equipara-se ao escravo hegeliano até o ponto em que ele já não trabalha para o senhor, mas se explora a si mesmo voluntariamente”. Ou seja, o homem-superexcitado responde sincronicamente aos dois lugares. É o primogênito de uma colonização silenciosa.

⁸ Slogan utilizado na campanha política do ex-presidente americano Barack Obama, o primeiro presidente afro-americano. Seu período de governo começou em 2009 e terminou em 2017.

⁹ O senhor domina o escravo o anulando, não o reconhecendo. E o escravo, diante da iminência da morte, escolhe trabalhar para viver.



Individualismo na solidão. Luís Felipe R. Stein, 2018.

O homem, então, é constantemente incentivado a produzir, não enquanto *você deve* mas como *você pode* (HAN, 2017). Como efeito, ele também deixa de se escutar, facilitando a superação dos seus limites. Concomitantemente, para que seja possível tamanha audácia, é necessário mantê-lo constantemente excitado. O artífice? As informações.

É a saturação de informações que vêm ocupar, outra vez, a *langeweile* (BIRMAN, 2020; HAN, 2017abc; BENJAMIN, 2020b; VIRILIO, 1996). O não espaço para o *tempo lógico do sujeito* acarreta em uma disrupção na vivência temporal. A incessante experiência do ver, a precária experiência do viver, compromete o tempo para compreender e, logo, não há conclusão possível; não há sustentação do desejo.

Passado-Presente-Futuro não se encontram para gerar o agora. O atravessar das informações é a erradicação de outras temporalidades fundamentais para a subjetividade, é também uma incessante inscrição do presente. A constante presentificação do presente, o *tempo-presentismo*. Em harmonia, Paul Virilio (1996, p. 95-96, grifo do autor) colocaria que:

[...] tornar o corpo e sua energia vital contemporâneos da era das teletecnologias da transmissão instantânea é abolir, em um mesmo movimento, a distinção clássica entre o *interno* e o *externo*, em benefício de um último tipo de centralidade ou, mais

exatamente, de hipercentralidade, *a do tempo*, de um tempo ‘presente’, para não dizer ‘real’, que suplanta definitivamente a distinção entre a periferia e o centro, como o comprimido contra o sono suprime a alternância entre o estar desperto e o repouso reparador.

Não obstante, o mal-estar contemporâneo, como aponta Birman (2020, p. 67), triunfa nos “[...] registros do corpo, da ação e da intensidade [...]”.

O mesmo autor (2020) vai ratificar o corpo enquanto exímio testemunho do mal-estar. Este que é alvo das lamentações de baixa *performance*, dado que, se tornou nossa maior propriedade. Conseqüentemente, “[...] a *saúde* se transformou no nosso ideal supremo” (BIRMAN, 2020, p. 70). Diante disso, Virilio (1996, p. 107) questionaria: “Para ter realmente uma ‘boa saúde’, devemos no futuro estar constantemente dopados, artificialmente superexcitados?”

Estamos diante de uma problemática eminentemente clínica. A não escuta do corpo alia-se à queda da simbolização. Evidentemente, um dos grandes sofrimentos do contemporâneo é o pânico; esse momento em que a pessoa é dominada pela angústia, o sentimento iminente da morte experienciado nos limites de seu corpo (BIRMAN, 2020).

Le Breton (2018, p.14) desenvolve ao longo de sua obra um conceito pertinente, o conceito de branco, “[...] esse estado de ausência de si [...]”.

Para este autor (2018), o desaparecimento de si surge enquanto uma tentação do contemporâneo, um momento de desconstruir uma identidade que fora criada socialmente, um momento em que “Fazer-se de morto é uma maneira de ludibriar e não morrer, e até mesmo de evitar assim o sucídio” (LE BRETON, 2020, p. 17). Talvez, esta seja uma tentativa radical do sujeito se fazer ser escutado, resistência contra o excesso que invade o corpo.

Além deste processo, a não articulação temporal e a não sustentação do desejo contribuem para ruptura no corpo, “[...] provocando a *angústia do real* e não mais a *angústia do desejo*, isso é, o excesso de excitação que se impõe e a experiência traumática conseqüente” (BIRMAN, 2020, p. 74-75). Dessa forma, impõe-se uma condução, que segundo Birman (2020, p. 73), é a do “[...] sujeito ao colapso psíquico e à certeza da morte súbita”.

Lembramos, por fim, de outro sofrimento contemporâneo que é a depressão (HAN, 2017a; 2017b; 2017c; BIRMAN, 2020). Enquanto o pânico parece apontar para um excesso, a

depressão encontra o vazio como “[...] signo por excelência da depressão na contemporaneidade”. Todavia, as manifestações do mal-estar derivam de um mesmo denominador comum: a precária experiência temporal (BIRMAN, 2020).

Embora a reflexão empreendida pelo nosso trabalho ao longo do texto não visava caracterizar, aprofundar e interpretar as formas de subjetivação do mal-estar contemporâneo, entendemos que é neste âmbito que desemboca a discussão do tempo-máquina; tempo-impositivo e tempo-presentismo, produzindo efeitos nos corpos. O desenvolvimento acima serve, assim, como amparo e para minimamente delinear o contorno do mal-estar contemporâneo para o leitor.

Conclusão

Em conclusão, acredito que esta produção pode servir como provocativa aos psicanalistas. Birman (2020, p. 63) é claro ao afirmar que, “Não existem mais dúvidas sobre as mudanças nas formas de mal-estar na contemporaneidade, em contraste patente ao que nos descrevia de maneira cortante o discurso freudiano. O quadro hoje é outro, francamente diferente”. E, evidentemente, não é possível pensar o mal-estar contemporâneo sem explorar seu processo de configuração.

A psicanálise (re)assegura o lugar do corpo, da simbolização, do sujeito; a clínica é um espaço que se opõe à tentativa de reduzir o humano à lógica mecanicista do positivismo, resguardando a sua relação singular. Esse entendimento é garantido por Freud (2010b, p. 164), que ao invés de engessar a técnica psicanalítica, reafirmou que “A extraordinária diversidade das constelações psíquicas envolvidas, a plasticidade de todos os processos anímicos e a riqueza de fatores determinantes resistem à mecanização da técnica [...]”.

Logo, fica evidente que a psicanálise continua como um caminho de amparo ao homem, uma via a contrapelo dos excessos do contemporâneo.

Como, então, construir uma possível via que alcance esse homem-superexcitado saturado por tantos excessos?



Caminhos. Luís Felipe Roriz Stein, 2021.

Talvez, encontremos uma derradeira pista com uma outra importante referência no movimento psicanalítico, a saber, Sandor Ferenczi. Este psicanalista húngaro (2011, p.31), desenvolveu o conceito de tato para tratar a relação singular do analista com seu paciente, “[...] de saber quando e como se comunica alguma coisa ao analisando, [...] em que forma a comunicação deve ser, em cada caso, apresentada”. Dessa maneira denota a nós, no contemporâneo, a cautela necessária para acessar um sujeito que não sustenta mais seu próprio desejo. Para tal, o analista deve ter a sensibilidade de (re)pensar seu trabalho na medida em que este é desenvolvido,

evitando a posição dogmática do seu saber.

Mais enfaticamente, Ferenczi (2011, p. 36), sustentaria que, “[...] a confiança em nossas teorias deve ser apenas uma confiança condicional”, acreditando na singularidade de cada caso e que tal modéstia se tornaria “a expressão da aceitação dos limites de nosso saber”, evitando a posição de onipotência. Pois, acima de tudo, a aposta é de que o analista esteja disponível para a narrativa do sujeito, e com isso, para a narrativa de sua época.

Sendo assim tentei, ao longo do itinerário do artigo, percorrer um caminho que possibilitaria o acesso em três momentos de homem, que denotaria também três momentos de tempo, claro que podem coexistir e confluir para um mesmo corpo. Este caminho afirma um novo processo de mal-estar. O corpo traz uma outra convocatória para os analistas (re)pensarem as práticas a partir do que fora proposto por seus antecessores. E, para mim, as fotografias

utilizadas denotam uma experiência de narrativa óptica sob esse contemporâneo, possibilitando um lugar de acesso singular ao homem, ao tempo e ao corpo.

Entende-se com isso que o contemporâneo não precisa de mais um lugar de excessos, de mais uma clínica como lugar silenciosamente colonizador. Acredito, por fim, que descer do trono, de uma posição de psicanálise importada, seja um ponto para pensar o efeito do contemporâneo no Brasil.

Referências

HUXLEY, Aldous. Admirável mundo novo. São Paulo: Globo, 2014.

ACCARINI, Irene Leonor. Invenciones: arte más psicoanálisis. Buenos Aires: Psicolibro Ediciones, 2011.

BARTHES, Roland. A câmara clara: notas sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BAUDRILLARD, Jean. Tela total: mitos-ironias do virtual e da imagem. Porto Alegre: Sulina, 2011.

BENJAMIN, Walter. Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre literatura e história da cultura – Obras Escolhidas I. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. O anjo da história. Belo Horizonte: Autêntica, 2020a.

BENJAMIN, Walter. Linguagem, tradução, literatura (filosofia, teoria e crítica). Belo Horizonte: Autêntica, 2020b.

BIRMAN, Joel. O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

BRITO, Janaina M. Loucas docências benjaminianas: política da narratividade e produção de saúde. Tese de doutorado. Universidade Federal do Espírito Santo, 2016, 131f.

CAMPOS, Álvaro de. Ode Triunfal. Arquivo Pessoa, arquivopessoa.net/textos/2459, acessado em 10 de outubro de 2021.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Diante da imagem: questão colocada aos fins de uma história da arte. São Paulo: Editora 34, 2013.

FERENCZI, Sándor. Psicanálise IV. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.

FREUD, Sigmund. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: (“O caso Schreber”): artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. Freud e o inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

HAN, Byung-Chul. A sociedade do cansaço. Petrópolis: Vozes, 2017a.

HAN, Byung-Chul. A sociedade da transparência. Petrópolis: Vozes, 2017b.

HAN, Byung-Chul. Agonia do Eros. Petrópolis: Vozes, 2017c.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol.1: as bases conceituais. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

KULKAMP, Camila. Walter Benjamin e Sergei Einstein: a fotografia construtiva e a poderosa galeria fisionômica de uma época. 2020.

LACAN, Jacques. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LE BRETON, David. Desaparecer de si: uma tentação contemporânea. Petrópolis: Vozes, 2018.

MAGNO, M.D. Senso contra censo da obra-de-arte, etc. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.

NIETZSCHE, Friedrich. Assim falou Zarathustra: um livro para todos e para ninguém. Porto Alegre: L&PM, 2014.

ORTEGA, Francisco; ZORZANELLI, Rafaella. Corpo em evidência: A ciência e a redefinição do humano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

QUINET, Antonio. A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

TEDESCO, Silva Helena. SADE, Christian. CALIMAN, Luciana Vieira. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. Fractal: Revista de psicologia, vol. 25, nº 2, 2013.

VIRILIO, Paul. A arte do motor. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.